

Resenha:

Demanda: Literatura e Filosofia, de Jean-Luc Nancy

Diego Lock Farina¹

Publicada originalmente na coleção “La philosophie en effet”, da prestigiada editora Galilée, na França em 2015, com o título *Demande. Philosophie, littérature*, a coletânea de textos de Jean-Luc Nancy, inédita enquanto tal e organizada por Ginette Michaud, professora da Universidade de Montreal, chega ao Brasil devido à iniciativa em parceria entre a editora da UFSC e a editora Argos, da Unochapecó. Nancy (1940-), professor emérito da Universidade de Estrasburgo, é certamente um dos filósofos mais conceituados no universo acadêmico atual, ao lado de Alain Badiou, Hélène Cixous, Judith Butler, Giorgio Agamben e Jacques Rancière. Seu destaque se dá sobretudo em função das contribuições acerca do político e da democracia, da obra em conjunto com Philippe Lacoue-Labarthe, de seus escritos sobre Jacques Derrida e da preocupação constante em relacionar a arte de maneira geral com o pensamento filosófico. Sua produção, entretanto, é ainda pouquíssimo traduzida no Brasil. Na tarefa de suprir essa falta, *Demanda: Literatura e Filosofia* (365 p.) reúne textos de 1977 a 2015, disponíveis até então somente em periódicos ou resultantes de conferências e entrevistas, dando mostras da trajetória do autor no que concerne o debate entre o aproveitamento da literatura e do modo singular (a singularidade para Nancy é sempre uma singularidade plural) com que ela convoca a filosofia para um pensamento conjunto, crítico e afectante a respeito da vida, da atividade política e dos sentidos nas suas concepções mais amplas.

A coletânea, por sua vez, é dividida em quatro seções (I: Literatura; II: Poesia; III: Sentido e IV: *Parodos*), seguidas por uma *Coda* composta por dois textos (“A única leitura” e “Demanda”, escrito em 2015 especialmente para esta ocasião) que, sob a égide da voz em primeira pessoa, por um lado, destaca a leitura em voz alta que “confia o texto aos lábios, à garganta e à língua: estas tomam a dianteira sobre a cabeça” (NANCY, 2016, p. 356), e, por outro, materializa o que vem a ser a demanda (ou as demandas) que envolvem a filosofia e a literatura, seja em seu contato recíproco, em que uma interroga a verdade da outra, seja em sua interioridade, enquanto *parte*, em que cada qual resguarda a potência do eterno retorno de um mesmo insistente cuja força virtual desestabiliza a sabedoria e o mito.

Se filosofia e literatura transportam certa verdade *à la fois* que põem em jogo através da própria verdade a verdade da outra, é imprescindível ter em vista que para a filosofia, conforme Nancy, a verdade é a interrupção do sentido, ou seja, a filosofia demanda que a verdade incessantemente se consuma, ao passo que na literatura a verdade é a impossibilidade de interromper o sentido. Em detrimento do uso da noção de verdade, por exemplo, não se pode dizer facilmente que Nancy escape por completo de axiomática ligação neoplatônica. Em todo caso, do jogo entre as duas verdades, da maneira como um campo demanda o outro, é que forma-se a demanda desse encontro enquanto síntese disjuntiva, toque de um corpo noutro fazendo-se mesmo corpo ainda que pela vontade de um instante, isto é, a demanda da literatura e da filosofia, no acontecimento de seu toque em (in)comum, é o que anuncia no desdobramento do pensamento e da vida que

1 Doutorando de Estudos de literatura do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, Linha de Pesquisa Teoria, Crítica e Comparatismo. Bolsista de produtividade Capes.

ambas sigam, eternizem-se, que hajam novas errâncias sem que as errâncias anteriores se percam - método de errância para o autor -, e que assim haja alguém que passe por elas, passe por aqui: “há apenas essa demanda: quero passar. Não quero ser, nem conhecer, mas passar e me sentir passar. Ou você – dá nada mesma” (NANCY, 2016, p. 359). Passar os limites, incluindo os da ontologia; deixar (o outro) passar, eis a demanda dessa conjunção - atravessar os limites do que interrompe (a filosofia) e do ininterrupto (a literatura), com e junto a elas. Ao invés da conclusão prevista do *telos* ou da suspensão das diferenças irreduzíveis, trata-se da reivindicação por uma passagem que se demanda, de um chamado urgente, que precisa ainda chegar/vir: *ce qui arrive*. A arte, segundo Nancy, é propriamente passagem, partilha da trans-formação das formas, sem precedências, em que uma nova aproximação se torna possível.

A produtividade desse enlace no viés dos dispositivos comparatistas é, para os estudos de literatura e para as poéticas do presente, um desdobramento efetivo para a análise de entre-lugares, de cruzamentos híbridos, do estudo dos limiares das artes e das zonas de confluências entre experiências de modos de ver que se articulam em torno do que chamamos de objeto literário. O objeto literário, como parece acenar Nancy, estende-se ao corpo, às formas da vida também inorgânicas, à poesia nas coisas e das coisas, desejo de abertura e luto de totalidade, que, em determinado momento, enlaça-se à filosofia, na reunião de um abraço, para tirar de cena os deuses, para ocupar o lugar do sagrado ou do profético, das essências intocáveis e da promessa da plenitude do belo, do consenso das faculdades perceptivas, que toda uma tradição mimética, transcendental, naturalista ou materialista dialética, tende, mesmo que se esforce em negar, a preservar. É possível que falte à filosofia a impetuosidade da literatura, a resistência que emana da poesia, já por si mesma intempestiva, como afirmava Nietzsche.

São reflexões desse horizonte as encontradas em “Um dia, os deuses se retiram...” e “Documento anexo”, textos que abrem a primeira seção. A configuração que opera a demanda não quer buscar a segurança das reterritorializações estruturais, permanência de conceitos ou acúmulo de sentidos, por isso o elã com a poesia faz irromper na filosofia um levante, o risco e a balbúrdia, e aqui sentimos a aproximação, embora pouco revelada, entre Nancy e Gilles Deleuze, à medida que “não se pode ser demasiado sábio para filosofar; para isso é necessário mesmo um tanto de loucura” e, em função disso, é preciso “criar conceitos, maltratar línguas, afiar estilos, esburacar o pensamento, eis o início do trabalho” (NANCY, 2016, p. 37). Em “As razões de escrever”, texto mais antigo da coletânea, Nancy revisita Bataille, Mallarmé, Borges, Joyce e Derrida para refletir sobre certos aspectos da história do livro, como sua relação com a liberdade, com a exaltação do sujeito que diz eu, além de debruçar-se acerca da censura e da perseguição dos livros no momento em que as instâncias do poder descobrem a rasura emancipatória que a literatura carrega frente a qualquer dimensão da ordem.

A associação entre literatura e existência empírica é motivo de destaque em “... deveria ser um romance...” Num esforço para arrastar o literário para fora do eixo escrito, Nancy encontra o acaso, a paixão, o gesto e o rastro sem passado como realidades dessa literatura que sai do *nada* ao infinito para considerar o acontecimento que não teve lugar, mas que já se encontra aí, alastrado no mundo, carente ainda de singular sensibilidade para dar a suas forças em tensão uma forma partilhável, cujo eco e cuja ressonância aprimorarão o convívio e a ética da solidariedade humana. “Fazer, a poesia”, nesse contexto,

é um verdadeiro tratado sobre o poético. Outra vez herdeiro de Derrida, mas também de Nietzsche e Benjamin, no que cabe ao cuidado filológico, Nancy resgata as origens do termo poesia para uni-la ao fazer político. “A poesia é por essência mais e outra coisa que a própria poesia” (Ibid., p. 146). A poesia, que faz a facilidade do difícil, diga-se de passagem, é sempre *poesia + n*. Sendo a *práxis* do eterno retorno, contingência e devir, ela não se opõe à filosofia, pois cada uma faz a dificuldade da outra, como viu-se, e, juntas, dirigem-se (respondem) à dificuldade talvez mais nevrálgica: a de fazer sentido. O sentido, que ocupa toda a terceira seção da obra, aqui começa a aparecer como excedente, um excesso do ser sobre ele mesmo. Nancy mostra como, ainda que se possa viver sem ela, a poesia é a manifestação para acessar esse excesso. Platão expulsa os poetas da polis porque a *poiesis* quando bate/timbra faz tomar o todo pela parte, e tal movimento seduz por vias que dilaceram a possibilidade da verdade. A poesia faz tudo falar ao passo que se põe no ser. Ela, estando acima da ética e da estética, detém o ser, dirá Nancy, agora em guinada antiplatônica, sendo a única boa polícia. Nesse aspecto, é interessante pensar Nancy juntamente ao *Desentendimento* de Jacques Rancière, especialmente quando este posiciona-se acerca das raízes comuns da política e da polícia, questão caríssima à contemporaneidade e à liberdade do presente que outra vez é ameaçada por ondas fascistas.

Dedicada à problematização do sentido na linguagem, a terceira seção percorre as espessuras da tragédia e demais experiências com o teatro, além de homenagear duas figuras que marcam o percurso de Nancy, por distintas razões: Phillippe Lacoue-Labarthe e Maurice Blanchot. Lacoue-Labarthe, morto precocemente, escreveu boa parte de sua produção com Nancy, companheiro de percurso com quem, aliás, viveu junto por longo período. *L'absolu littéraire*, de 1978, obra composta por ambos, é, para a teoria literária francesa, um marco no que se refere à recepção dos românticos alemães em francês, além de introduzir o conceito elaborado pela dupla de *filoliteratura*. A admiração por Blanchot, por outro lado, se funda sobretudo na densa filosofia deste sobre a morte e sobre a comunidade desdobrada, assim como pela sua valoração do neutro no discurso literário, que aqui é vista pela lente de Nancy como pressuposição, no entanto, da neutralização do neutro. É importante ter em conta que para Nancy o sentido não é senão uma ficção infinita que, com efeito, avança ao inominado à medida que avançamos em direção a ele. O sentido é a partir daqui pensado como envio e escuta, escuta do outro, palavra que beira o canto, ao encontro do desejo de uma ressonância inaudita em que literatura e pensamento filosófico se afinam como instrumentos de uma sinfonia.

Por fim, a última seção, denominada por *Parodos* (do grego, estático ou inerte), abarca textos de estilos variados a propósito da mitologia grega, do cotidiano e do tempo, da voz, da música, parodiando Paul Valéry em “A jovem carpa”, e abrangendo inclusive uma poesia de autoria de Nancy, “Instantes da cidade”, e demais exercícios de estilo literário/narrativo como “Em meu peito, ai, duas almas...”, remontando ao imaginário do Fausto, de Goethe, a partir de uma obra de Claudio Parmiggiani.

Jean-Luc Nancy, que teve o coração transplantado em 1990, recentemente publicou *La tradition allemande dans la philosophie* (2017), em diálogo com Alain Badiou, e *Exclu le juif en nous* (2018), que tem como um de seus temas novamente o pensamento de Derrida, quem, por sua vez, dedicou em 2000 *Le toucher, Jean-Luc Nancy*, obra referente ao autor em questão, formando assim entre eles uma relevante ressonância que se abre, a seu modo, ao emblemático século XXI. Em *Demanda: Literatura e Filosofia*, portanto,

FARINA, Diego Lock

o leitor ganha acesso a vinte e nove textos que, embora com diferentes ritmos e gêneros, formam desde já um conjunto bastante coerente para a apresentação de Nancy para o público brasileiro.

Referências

NANCY, J.-L. *Demanda: Literatura e Filosofia*. Florianópolis: Ed. UFSC; Chapecó: Argos, 2016. Trad. de João Camillo Penna, Eclair Antonio Almeida Filho, Dirlenvalder Loyolla.

Recebido em: 14/09/2018 Aceito em: 18/09/2018